

## Romanos e o Corval!

Era uma vez uma princesa que morava no castelo de Monsaraz, no alto de uma montanha ao pé do rio Guadiana, na raia com Espanha, ao sul de Portugal.

Essa princesa era uma linda menina que cresceu feliz, filha de um pai romano bondoso, que governava toda a região próxima ao castelo. A princesa tinha bonecas de madeira e de pano e brincava com a ama o dia todo. Passeavam pelos arredores do castelo, em toda a encosta da montanha. Ela gostava muito de ver as hortas, e havia muitas por onde andava. Gostava de ir ao rio, ao moinho do gato, onde tentava apanhar peixes, quase sempre sem sucesso. Como esse local ficava mais distante, ia de carroça puxada por um cavalo alazão.

A princesa foi crescendo. Certo dia, aos 16 anos, conheceu um jovem agricultor da idade dela, muito bonito, mas que não era romano como ela e o pai. Ficaram amigos, e o agricultor passou a ir de noite, de forma escondida, ao castelo, sem os guardas perceberem. Ficava numa muralha por baixo da janela do quarto da princesa, que ela uma vez tinha mostrado ao agricultor. O agricultor não tinha nome. Ou, se tinha, nunca ninguém lhe tinha dito qual era. Aprendera a agricultura observando os outros e ia experimentando técnicas diferentes, pois era um agricultor cheio de ideias e tendências para a tecnologia e inovação daquele tempo.

Ao perceber que a princesa gostava de objetos de barro, aprendeu olaria. Fez o mesmo com a madeira, tornando-se carpinteiro. Como a princesa não gostava de objetos de ferro, ele nunca aprendeu a ser ferreiro, mas aprendeu a fazer vinho, como os romanos, e também azeite, como os da etnia dele, que ele nem sabia bem qual era. Não gostava dessas questões de raças.

A princesa e o agricultor ficaram cada vez mais amigos, e quase todos os dias conversavam. Para passar mais tempo com o agricultor, a princesa fez uma horta ao lado da dele, onde, com os ensinamentos dele, plantava flores.

Os anos passaram, e ele começou a visitar o castelo de noite, ficando em cima de uma muralha, por baixo da janela do quarto dela. Para isso, disfarçava-se de guarda, com um uniforme que ela tinha conseguido. Ela tinha aprendido a ler e escrever e ensinou o agricultor. Assim, com uma corda que ela atirava da janela do quarto, podiam trocar recados, pelo "e-mail" que existia na altura.

Certo dia, o chefe da guarda, que normalmente dormia a noite toda, teve uma dor de barriga, pois havia comido um cogumelo ruim, e ao dar uma volta para se sentir melhor, reparou na troca de comunicação entre o agricultor e a princesa. Prendeu o agricultor.

O agricultor foi colocado nas masmorras do castelo, e o pai da princesa ficou muito zangado. Dizia que aquele rapaz não era para ela. Meses depois, a princesa estava

cada vez mais doente e já quase não comia. Vista pelo médico, foi diagnosticada com depressão causada pela tristeza. A terapia prescrita foi a libertação do agricultor das masmorras e seu envio para outra freguesia.

Certo dia, o agricultor foi levado por uma patrulha romana de guardas robustos, de túnicas, capacetes e botas a condizer, a pé, para um local em que não vivia ninguém, chamado Corval, já mais longe do rio. Avisaram o agricultor que, se ele voltasse, seria transformado em matéria orgânica inanimada. O agricultor sabia o que isso queria dizer, porque enquanto esteve preso nas masmorras, leu muitos livros que a princesa lhe fez chegar através de um guarda amigo, que fez parte da patrulha que o levou a Corval.

Na primeira noite, o agricultor dormiu debaixo de um chaparro, desorientado, confuso, com um misto de sentimentos. Sentia alegria pela liberdade e tristeza pela saudade, ao mesmo tempo. No dia seguinte, andou pelos campos e deu com quatro pedras de granito erguidas, que formavam um quadrado perfeito. “Dá uma boa casa”, pensou o agricultor. “Só tenho de fazer o teto com barrotes e tábuas, o mesmo nas paredes. Como o tempo não me falta, faço janelas, e a porta aproveito um furo de uma das pedras para passar um tubo de barro para a lareira, para a qual faço um compartimento em pedra.”

Durante muitos dias, o agricultor construiu a casa, fez mobílias de madeira e a lareira, plantou hortas, porque abriu um buraco no chão lá perto para fazer um poço. A água estava a apenas três metros de profundidade. Assim, não precisaria ir muito longe buscar essa água, que era fresca e pura, pois, depois de a beber durante dias, nunca adoeceu.

Ao fim de três anos, havia árvores de fruto, legumes, galinhas, patos, perus, pombos, codornizes, e o agricultor foi-se tornando um grande caçador. Nunca aprendeu a pescar, porque o rio estava para o lado proibido da fronteira. Uma linha vermelha que ele não queria atravessar, pois pensava que o melhor para a princesa era ela casar com um romano graduado, com altos estudos militares ou administrativos.

Ao longo desses três anos, a princesa foi ganhando cada vez mais confiança com o guarda amigo que fez parte da patrulha que deportou o agricultor. Para que ficasse curada, disseram-lhe a verdade: que ele estava vivo e que, de vez em quando, uma patrulha ia verificar se ele ainda estava lá. Ora, quando chegou a dezembro desse terceiro ano, o tal guarda amigo da princesa fez parte da patrulha que fez a inspeção de campo ao agricultor. Ficou impressionado com o que viu e contou à princesa.

A princesa convenceu o guarda amigo a ir mostrar-lhe “o reino do agricultor”, e essa visita aconteceu poucos dias depois, numa horrível manhã de nevoeiro, em que se

guiavam pelos marcos romanos ao longo da estrada. Foram os dois a pé, lentamente.

Chegados ao local habitado pelo agricultor, o nevoeiro passou e a princesa ficou muito impressionada com o que viu. Entrou na casa para fazer uma surpresa, mas a casa estava vazia, a porta aberta, porque não vivia naquela região mais ninguém, então as trancas não faziam falta.

A princesa ficou encantada com as mobílias e com a horta. Reparou que, ao longo de toda a casa, havia canteiros com flores.

O guarda e a princesa voltaram. A princesa não deixou nenhum vestígio ou recado para não desequilibrar o agricultor emocionalmente, dado que ele estava a fazer um bom trabalho, investindo no seu próprio futuro e, quem sabe, também no dela.

Os meses passaram e chegou a primavera. Numa linda manhã de primavera, o pai da princesa foi caçar javalis e corsos do outro lado do rio Guadiana, como era normal naquela época. A princesa recusou o convite do pai para ir, mas depois disse aos guardas e ao restante pessoal do castelo que iria no encalço dele.

Ora, acontece que, ao chegar ao sopé da montanha, em vez de virar à direita, para nascente, virou à esquerda, para poente, e não foi por questões políticas. Acontece que foi ter com o agricultor.

A princesa chegou ao reino do agricultor sem levar roupa ou comida e entrou na casa. Estava novamente vazia. Encontrou na salgadeira umas peças de carne, que pareciam ser de caça, mas estavam muito salgadas. A princesa foi à horta, fez uma sopa de legumes com umas batatas que estavam em cima da mesa e recolheu os legumes sem autorização do dono. Meteu na sopa também um enchido que estava na chaminé, de cor vermelha, que ela nunca tinha visto. Era a mais recente invenção do agricultor: um chouriço de caça.

Depois de comer, ficou cheia de sono. Adormeceu na cama do agricultor, que tinha colchão de palha, lençol de linho e colcha de lã.

Ao chegar a casa, o agricultor voltou àquele estado difícil de explicar. Muito feliz por ela estar ali, mas muito preocupado com as consequências políticas.

Durante três dias, conversaram dia e noite, comendo o que havia por lá, saindo de casa apenas para ir à horta, despejar as necessidades e ir buscar água para o dia a dia.

A princesa ficou espantada com as inovações em barro: baldes, jarras, sanita, lavatório para mãos e pés, copos, pratos, até os talheres eram de barro, numa cerâmica fina que ela nunca tinha visto. (Os talheres para servir a comida dos

tachos eram faca e colher, porque o garfo eram as próprias mãos ou, talvez, um pano, quando a comida estava muito quente.)

No dia seguinte, uma patrulha que foi ao encontro do pai dela ficou confusa por ninguém a ter visto no acampamento da caçada. O pai dela chegou ao acampamento numa coluna que trazia animais empilhados numa carroça, ao entardecer do terceiro dia após a fuga.

Nessa mesma noite, o pai e metade dos guardas deixaram o acampamento e viajaram a noite toda, chegando a Corval na madrugada do quarto dia, encontrando o casal finalmente a desfrutar do sono dos justos, ambos a roncar na confortável cama do agricultor.

A filha chorou, o agricultor garantiu que não infringiu o acordo e não violou a fronteira entre freguesias, nem ajudou na fuga da princesa. O guarda amigo confessou que foi ele quem deu notícias à princesa sobre a vida do agricultor e foi preso.

O pai quis dar uma volta por toda aquela região. A filha foi com ele, chorando. Por onde a princesa chorava e deixava cair uma lágrima, o chão transformava-se em argila.

Quando finalmente terminaram a volta de reconhecimento da região, o pai levou a princesa de volta para o castelo, com ela a transformar a terra em argila por mais umas milhas.

O agricultor foi perdoado, porque o pai da princesa era um homem de palavra e não o culpou pelo ocorrido. Contudo, deixou uma guarda na fronteira das freguesias, a quem o agricultor levava alimentos frescos sempre que havia o render da guarda, para manter boas relações políticas.

Certo dia, o pai da princesa, após muitas noites em claro a pensar, decidiu criar um novo povoado satélite de Monsaraz, a quatro milhas romanas (6 km) em linha reta a sudoeste da casa do agricultor. Esse novo povoado seria um principado anexo ao de Monsaraz, sob o domínio dele, ao qual deu o nome de "reguengvs".

Quando o povoado ficou pronto, havia uma casa (onde agora é o terminal rodoviário) e foi criado um grande jardim onde hoje ficam os dois guardas: o rafeiro Alentejano, para questões deste mundo, e a imagem da querida N. Sra. de Fátima, para nos lembrar do próximo. Tanto hoje como naquele tempo, não era preciso muita preocupação com segurança, porque a zona era de gente séria e trabalhadora.

No dia do casamento do agricultor (nesse dia eleito príncipe de "reguengvs") e da princesa, houve uma grande festa no novo povoado. A antiga casa do agricultor foi, por mútuo acordo, transferida para uso dos guardas e para a alimentação deles.

Passaram da antiga fronteira, onde dormiam ao relento, para uma casa com boas condições.

No discurso que fez no casamento, o pai da princesa referiu a importância da palavra dada e pediu que o povo de "reguengvs" fosse sério, honesto e trabalhador, e que todos seguissem o exemplo dele.

Mal terminou o discurso, chegou a alta velocidade uma biga com dois guardas graduados, que haviam sido nesse dia os primeiros hóspedes da antiga casa do agricultor. Casa à qual esses guardas chamaram de "casa dos namorados".

Os guardas disseram que a terra tremeu, a casa caiu, e as quatro pedras se uniram e formaram uma única rocha. Atiraram pedras lá para cima para ver se a antiga casa regressava, mas nada! As pedras ficavam paradas lá em cima!

O pai da princesa e o agricultor foram juntos numa outra biga, decorada a ouro, com dois belos cavalos (um branco e outro preto), em alta velocidade até ao local da ocorrência.

Ao ver o que aconteceu, o chefe de todos os guardas, que ia na biga logo atrás dos líderes, disse: "Já não temos a casa dos guardas na 'casa dos namorados'. Agora, temos é a Rocha, a Rocha dos Namorados!" O posto da guarda foi transferido para o novo principado de "reguengvs". Na zona da Rua dos Namorados, foi construído um parque desportivo para os "ludos", integrados nos festivais religiosos da época, dedicados ao culto imperial.

Os primeiros jogos eram corridas a cavalo, circos, mas sem animais selvagens. Para substituir os animais selvagens, foram usados touros, vacas e novilhos, naquilo que se chamava as "venationes". Havia um período de festas declaradas, os "ludi scaenici". Durante esses dias, eram feriados públicos, uns 135 dias por ano, e ninguém podia trabalhar sem autorização.

Ainda hoje, em São Pedro do Corval, existe a Rocha dos Namorados e, lá perto, joga-se futebol naquele que era o antigo campo de jogos romano. Há uma banda filarmónica na localidade e muito ensino cultural, que vem dos "circos". Há o gosto pelas touradas. Os talentos do agricultor são ainda visíveis na população, que usa a argila criada com as lágrimas da princesa e as técnicas dele. As pessoas que lá vivem são trabalhadoras, sérias e honradas, porque mantiveram, ao longo de séculos, o que foi pedido pelo pai da princesa no discurso do casamento.

Fim.

Chelnokov Magrinho.

### **Traduções (Latim):**

- "e-mail": carta ou mensageiro.
  - "reguengvs": propriedade real ou domínio do rei.
  - "venationes": caçadas (em espetáculos públicos).
  - "ludi scaenici": jogos teatrais.
- 
- - "ludos": jogos.